

Histórias de Vida Musical: significações pessoais da relação com a música em diversos contextos de formação musical

Comunicação

Maura Penna
Universidade Federal da Paraíba/UFPB
maurapenna@gmail.com

Ana Luiza Pinto
PIBIC/CNPq/UFPB
analuzallmp@gmail.com

Susie Santos
PIBIC/CNPq/UFPB
susieguima@hotmail.com

Resumo: Esta comunicação apresenta um recorte de pesquisa em andamento, que, com caráter interdisciplinar, tem como objetivo geral compreender as relações subjetivas estabelecidas com a música, por sujeitos que exercem uma prática musical regular, e a significação que a música tem para suas vidas. Desta forma, enfocamos a trajetória individual de estudos e experiências musicais, assim como as significações que a música ganha em diferentes momentos de vida e/ou em distintos contextos de estudo ou atuação musical. Adotamos a metodologia de história de vida, com o uso de entrevistas narrativas, tendo coletado dados com doze sujeitos, alunos de cursos superiores de música. Analisando as entrevistas, buscamos, inicialmente, caracterizar o percurso de formação dos sujeitos participantes, com base em estudos da área de educação musical. Num segundo momento, tomamos como referência interpretativa a Logoteoria de Frankl, da área de psicologia, e seus conceitos centrais de liberdade de vontade, vontade de sentido e sentido de vida. Com base nos relatos, analisamos diversos contextos de formação musical e seus condicionamentos, incluindo as questões familiares, e como os sujeitos constroem suas relações pessoais com a música. Mostramos como elas são significativas, fazendo parte dos projetos de vida e dos esforços de busca e realização de um sentido de vida. Concluímos que a maioria dos sujeitos entrevistados vêm realizando sentidos e propósitos através de suas atividades musicais. Esperamos que este trabalho, que relaciona fatores socioculturais com aspectos subjetivos, ajude a refletir como as práticas de educação musical podem lidar com as diferentes significações que os alunos estabelecem com a música.

Palavras-chave: Relações subjetivas com a música, Logoteoria, Percursos de formação musical.

Introdução

Este texto apresenta um recorte da pesquisa em andamento *Percursos de Estudo e Formação Musical: significações pessoais da relação com a música*, que está sendo desenvolvida, desde agosto de 2016, pelo Grupo de Pesquisa Música, Cultura e Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)¹. Assim, apresentamos algumas discussões geradas a partir de questionamentos a respeito da relação pessoal e subjetiva que cada um estabelece com a música, o modo como experiencia esta relação ao longo da sua “história de vida musical”: o que a música significa para cada pessoa que persiste na prática musical, desenvolvendo-a sistematicamente, buscando aprimorá-la e adotando-a para sua formação e/ou atuação profissional? Como se deu o seu percurso de formação musical? Em que contextos, com quais significados? A música faz parte de seu projeto de vida ou lhe dá sentido?

Quando nos referimos a “sentido de vida”, apoiamo-nos em Victor Frankl e no conceito que embasa a sua proposta da Logoterapia². O termo “logos” origina-se do grego, cuja acepção significa “sentido”, relacionado à existência humana. Assim, a Logoteoria “concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por este sentido. Para a Logoteoria, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano” (FRANKL 2014, p. 124). Daí deriva, então, nossa hipótese: através da música, muitas pessoas encontram e realizam um sentido de vida – nos termos de Frankl.

Nossa pesquisa visa, então, compreender quando e como isso acontece, procurando conhecer a trajetória individual de relação com a música através de estudos e experiências diversas. Neste percurso, procura identificar as significações subjetivas que a música ganha em diferentes momentos de vida e/ou em distintos contextos de estudo/aprendizagem ou de atuação musical, e ainda perceber como a música influi na realização de um sentido de vida.

Para a realização da pesquisa, optou-se por uma abordagem qualitativa de caráter interdisciplinar, que toma como referência a teoria do sentido de vida de Viktor Frankl, do campo da psicologia. A coleta de dados baseou-se na metodologia da história de vida, através

¹ A coleta de dados foi realizada pelas bolsistas de iniciação científica (PIBIC/CNPQ/UFPB), Ana Luiza Pinto e Susie Santos.

² A teoria de Frankl é mais conhecida como Logoterapia nos campos da Psicologia e da Psicanálise. Entretanto, como não estamos utilizando os conceitos para fins terapêuticos, preferimos utilizar o termo Logoteoria.

de entrevistas narrativas. Até o momento, os sujeitos foram estudantes universitários de música, pois exercem com regularidade e continuidade uma prática musical (incluindo performance instrumental ou vocal) e que investem na formação superior na área a maior parte de seu tempo e de seus esforços.

Com cada participante, foram realizadas duas entrevistas. A primeira, de caráter narrativo, concentrou-se na história de vida musical de cada sujeito. Neste ponto, apoiamos-nos em Flick (2004, p. 109-117), que parte do ceticismo quanto à possibilidade de “obter experiências subjetivas no esquema de perguntas e respostas das entrevistas tradicionais, mesmo se este for controlado de maneira flexível” (p. 109). Este autor considera a narrativa capaz de expressar a experiência subjetiva, apontando o seu caráter autobiográfico, embora possa focalizar um aspecto ou momento específico da vida que interesse à pesquisa – no nosso caso, a história de vida musical.

Num segundo momento, foi realizada uma entrevista semiestruturada – retomando pontos da narrativa anterior –, buscando esclarecer o papel da música para a vida do participante em determinados momentos de seu relato, enfatizando a sua significação subjetiva e emocional. Deste modo, o roteiro (flexível) para esta segunda entrevista só pôde ser preparado após a transcrição³ e análise preliminar do relato obtido na primeira entrevista narrativa.

No período de agosto de 2016 a maio de 2017, foram entrevistados um total de doze sujeitos, alunos do bacharelado e licenciatura em música da UFPB, três homens e nove mulheres, com idades entre 19 e 34 anos. Seis entrevistados dedicavam-se ao campo da música popular, com canto (3 sujeitos) ou instrumentos – cavaquinho, guitarra e bateria –, todos estudantes da licenciatura. Outros seis eram alunos do bacharelado, com habilitação em piano (um sujeito) ou instrumentos de orquestra (três de violino, um de flauta transversal e um de harpa). Esta escolha levou em conta as diferenças nos processos e percursos de formação musical, que permitiu discutir também as diversas formas de aprendizado, suas relações com contextos socioculturais distintos e as áreas de atuação no mercado de trabalho.

³ Com a autorização dos participantes (que assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/TCLE), todas as entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas, empregando-se a ortografia padrão, mas respeitando a construção das frases empregadas pelos participantes. Optamos por omitir as terminações de gênero nos trechos dos depoimentos citados, a fim de manter o anonimato dos participantes.

A Logoterapia como possibilidade interpretativa

A Logoterapia – ou psicologia do sentido da vida – foi criada pelo médico psiquiatra e neurologista vienense Viktor Emil Frankl (1905-1997), professor da Universidade de Viena, que, durante a Segunda Guerra Mundial, passou três anos em campos de concentração nazistas, incluindo Auschwitz. Após este período de confinamento, Frankl desenvolveu sua teoria a partir da própria experiência como prisioneiro, sobrevivente do holocausto, que, ao sair, descobriu que toda sua família havia sido dizimada, incluindo a própria esposa (FRANKL 2010, p. 107-119).

De acordo com Frankl (2013, p. 26), a Logoterapia é sustentada por três princípios básicos: a **liberdade de vontade**, a **vontade de sentido** e o **sentido de vida**. O fundamento antropológico que embasa a Logoterapia é a **liberdade de vontade**. Por meio desta, “O homem não é livre de suas contingências, mas, sim, livre para tomar uma atitude diante de quaisquer que sejam as condições que sejam apresentadas a ele”, através da dimensão noética (ou espiritual). Este princípio opõe-se ao determinismo, posto que o homem é um ser livre e responsável pelas suas próprias decisões:

[...] o homem é capaz de distanciar-se não apenas de uma situação, mas de si mesmo. Ele é capaz de escolher uma atitude com respeito a si mesmo e, assim fazendo, consegue tomar posição, colocar-se diante de seus condicionamentos psíquicos e biológicos. [...] O que importa, logo, não são os condicionantes psicológicos, ou os instintos por si mesmos, mas, sim, a atitude que tomamos diante deles. É a capacidade de posicionar-se dessa maneira que faz de nós seres humanos. (FRANKL, 2013, p. 26)

Já a **vontade de sentido**, como acima mencionado, diz respeito ao esforço básico para encontrar e realizar sentidos e propósitos, ao interesse contínuo do homem pelo significado de sua vida (FRANKL, 2013, p. 50). Independentemente da satisfação ou frustração de qualquer outra necessidade, o desejo de sentido orienta a relação do homem com os outros, com a vida e consigo mesmo, permitindo-lhe “descobrir a coerência interna de sua existência” (DOURADO et. al., 2010, p. 26-27).

O **sentido de vida** não é o mesmo para todas as pessoas. Cada uma deve responder às questões levantadas constantemente e durante toda a sua existência em situações e momentos diferentes e, dessa forma, os sentidos sempre existirão, pois a vida nunca deixa de

ter sentido. Assim, pressupõe-se que cada indivíduo possui um sentido na vida, bastando encontrá-lo e vivenciá-lo (DAMÁSIO, 2010, p. 30). Assim, “o sentido não pode ser dado arbitrariamente, mas deve ser encontrado responsabilmente [...] ser buscado conscientemente”, sendo a consciência “a capacidade intuitiva do homem para encontrar o sentido de uma situação” (FRANKL, 2013, p. 82).

Nesta direção, Dourado et al. (2010, p. 49) entendem que, uma vez que o sentido de vida precisa ser procurado, “ainda que se modifique dinamicamente, é coerente falar de projeto de vida”, já que o sentido de vida precisa ser buscado no mundo, na relação com os outros, nas atividades da vida. Assim, entendemos que pode ser através da música que muitas pessoas encontram um sentido de vida, realizando sentidos e propósitos através de diversas atividades musicais – sejam de performance, de criação ou de ensino. Deste modo, interessamos nesta pesquisa como as relações subjetivas com a música integram os projetos de vida.

Significações pessoais da relação com a música

Analisando as transcrições das entrevistas, buscamos, inicialmente, caracterizar e analisar o percurso de formação dos sujeitos participantes, com base em estudos de nossa área de educação musical. Conforme os relatos, o início da formação musical de cada um foi, de certa forma, induzido pela vontade dos pais, pelo prazer de participar das atividades religiosas ou por vontade própria. A influência do ambiente familiar foi fundamental para a maioria dos entrevistados:

[...] eu já nasci em um berço musical, meu pai era músico, ele participava de um grupo de choro; meu irmão já atuava profissionalmente [...] meu pai é luthier, então eu sempre via instrumentos pela casa e sempre me interessei muito por tocar. (S4-E1, 04/04/2017)⁴

Desde criança, bem criança, lá em casa [...] Sempre foi um hábito da minha família escutar muita música [...] Meu pai e minha mãe tocavam não, mas eu tinha tios que tocavam e eu convivia bastante com eles, sabe? E eu vejo que isso também foi uma grande influência para mim ter essa convivência com eles. (S9-E1, 27/09/2016)

⁴ A indicação S4-E1, 04/04/2017 corresponde ao número do sujeito, da entrevista e a data em que foi realizada. Todas as entrevistas serão assim indicadas.

Nesse sentido, podemos observar que o convívio familiar em um ambiente musical cria o que se conhece por uma aprendizagem por familiarização (PENNA, 2015, p. 41), pela convivência em um ambiente musical, de um modo quase imperceptível – que Gomes (2011) trata como “as lógicas do invisível”⁵ – que influencia tanto o gosto quanto a prática musical. No início de sua formação, os entrevistados geralmente contaram com o apoio da família, que via essa atividade como um reforço na educação, “um resquício da educação humanística burguesa” (TRAVASSOS, 1999, p. 129) sem perspectiva de uma profissionalização. Entretanto, como esta autora coloca, quando as atividades musicais começavam a fazer parte dos projetos futuros dos sujeitos, a ansiedade paterna se evidenciava como uma preocupação com o futuro profissional de seus filhos.

Também nos depoimentos colhidos, é recorrente a pressão familiar e, de certa forma, da sociedade, que não consideram a profissão de músico uma escolha acertada, por não ser estável financeiramente. Assim relata o sujeito 4: “Quando eu escolhi que eu ia continuar em música, com dois ou três anos de violino, meu pai não queria tanto, porque ele conhece o mercado de trabalho aqui na Paraíba. Ele dizia: “Ah, não é tão bom.” (S4-E1, 04/04/2017)

A preocupação com o mercado de trabalho não é exclusiva dos familiares, mas também de alguns sujeitos entrevistados, que têm consciência de que o trabalho com música é incerto. Segundo Segnini (2011, p. 184), a instável condição de trabalho e carreira do artista é reconhecida, historicamente, em vários países, inclusive no Brasil. Mesmo para aqueles que possuem contratos com carteira assinada, o desenvolvimento profissional requer mais qualificação e um perfil mais diversificado.

[...] trabalho nessa igreja de carteira assinada. A outra igreja pagava um valor, essa paga acho que menos, só uns duzentos reais, coisa assim, cento e pouco. É mais tranquilo, vou somente dois domingos, um ensaio por semana e trabalho nessa ONG duas vezes, que é mais intenso, que é o dia todo. Pagam à vista, são vinte horas semanais. E ainda fiz um acordo: dentro das vinte horas, eu vou dois dias, faz dezesseis, as quatro horas que eram na sexta, eles descontam quando eu faço alguma apresentação fora. Ao invés de me pagar, eu entro com o banco de horas e está tudo certo. (S2-E1, 03/10/2016)

Em relação aos entrevistados que possuem habilitação em instrumentos de orquestra ou piano, o principal ambiente de formação musical antes do ingresso na universidade foi o das

⁵ Neste mesmo sentido, Vieira (2004, p. 142) refere-se à naturalização da “herança musical” familiar.

igrejas, contrariando o nosso pressuposto de que seria, em sua maioria, em escolas especializadas ou conservatórios.

Ela [a tia] foi me ensinando as primeiras notinhas [...] Eu lembro que eu peguei, eu já comecei a tocar a música que ela estava estudando. Eu lembro do hino que chamava “Vim para adorar Te”, aí foi quando eu decidi entrar na escola de música da igreja [...] Foi exatamente nesse momento que eu, de fato, entrei no estudo da música. (S1-E1, 26/09/2016)

Já em relação aos sujeitos que se se dedicavam a instrumentos ou ao canto populares, no início dos estudos a maioria teve experiências com a educação informal. Eles participavam de corais, ou adquiriam um violão e aprendiam a tocar em um processo de autoaprendizagem (CORRÊA, 2000) ou observando colegas e familiares.

Todas as bandas que eu participei foram grandes escolas, sabe? Os colegas de banda, aquela conversa, só o fato, mesmo que não tenha ninguém muito experiente, mas só o fato de estar ali em um grupo tentando fazer música, tentando montar uma apresentação é um exercício fora de série [...] porque todo mundo está aprendendo junto, crescendo junto profissionalmente e tudo mais. (S9-E1, 27/09/2016)

Num segundo momento da análise, tomando como referência a Logoteoria de Frankl, foi possível perceber que muitos de seus aspectos estavam presentes nas falas dos sujeitos, como o conceito de liberdade de vontade. Todos os entrevistados, em algum momento de suas vidas, tiveram que fazer uma escolha consciente e autônoma. Decidir-se por fazer música, persistir em sua prática, aprimorando-a para sua formação e atuação profissional, exigiu de cada um coragem, tanto pessoal quanto social, de admitir que a relação com a música assumia em suas vidas uma significação maior:

No terceiro ano do ensino médio, eu decidi que não queria mais fazer o concurso para o exército. Eu cresci com essa mentalidade que o meu pai impôs na minha mente [...] Ele sempre quis isso para mim [...] mas eu sabia que não era aquilo que eu queria. [...] E chegou um momento da minha vida quando eu desenvolvi um senso mais crítico que eu disse: “Não, eu não quero para minha vida profissional um trabalho que vá me trazer frustração, que eu não vá fazer com prazer, com felicidade, né? Que não seja um fardo levantar toda vez pela manhã para ir trabalhar”. Aí eu disse: “Não, não vou fazer isso”. (S1-E1, 26/09/2016)

Para alguns entrevistados, a escolha pela música foi uma forma de escapar das determinações de seus ambientes socioculturais. Para o sujeito 7, a música foi uma forma de evitar um destino comum para jovens de sua cidade do interior, que era casar e ter filhos cedo, não concluir os estudos e não crescer profissionalmente:

[...] eu acho que para a minha vida inteira eu trago a música como uma forma que Deus me deu como libertação, sabe? [...] eu via essa vida que eu não queria para mim. [...] tudo o que aconteceu na minha vida foi de certa forma só para me levar à música, sabe? Mesmo que eu tenha encontrado dificuldades [...] Então, tudo isso volta a uma mesma coisa, ela me libertou de uma coisa que eu não queria viver, ela me deu novos caminhos, novas coisas. (S7-E2, 04/11/2016)

Outro conceito é o da vontade de sentido, o que motiva o homem a buscar nas situações as possibilidades e a certeza de dever cumprido. Segundo Frankl (2014, p.124), “esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprido somente por aquela determinada pessoa”. Assim, cada entrevistado estabelece uma relação subjetiva, única e diferente com a música, seja estudando, executando ou ensinando.

Outro aspecto muito pessoal da vontade de sentido revelado nas entrevistas foi a relação com Deus, que remete ao conceito de suprasentido, um sentido último que excede e ultrapassa a capacidade intelectual finita do ser humano e transcende a lógica (FRANKL, 2014, p. 142).

Para mim, não tem valor, significância se eu faço [música] aqui [na universidade] e não faço lá [na igreja]. [...] Então, se eu deixo de agradecer a Ele com o meu louvor, de adorá-lo com o meu louvor, então isso aqui não tem significado, não tem importância⁶. Então está totalmente ligado! (S1-E2, 07/11/2016)

Ainda sobre a vontade de sentido, que orienta o indivíduo a buscar um sentido a realizar, a intenção de colocar a música como uma motivação para alcançar objetivos está presente nos relatos:

Então, eu tinha cerca de um mês só para estudar para a prova [de seleção para o curso técnico]. Aí eu comecei a me desesperar, estudava de madrugada,

⁶ Para uma discussão sobre os processos educativos e a construção de identidades musicais em um grupo de louvor, ver Reck (2012).

acordava às 4 horas da manhã para estudar, eu queria porque queria estudar música e era a única oportunidade que eu tinha. (S7-E1, 27/09/2016)

Acho que é uma questão de vocação. A gente é escolhido, então a gente tem força para fazer aquilo, né? Se você quer muito fazer uma coisa, ainda que o povo fale que não vai dar certo, pode até a sua família falar, mas se você sente que aquilo é o que é para você fazer, você faz e faz bem feito. É isso que importa! (S6-E2, 15/05/2017)

Desse modo, ter alguém para amar, uma obra a realizar ou uma atitude a tomar dá ao homem um sentido existencial, uma razão de viver. A realização desse sentido pode vir de valores criativos, vivenciais e atitudinais, ou seja, o sentido pode vir por meio de criações artísticas, dos relacionamentos e das experiências. Os valores criativos foram os mais presentes nos relatos, através da criação e da expressão musical: “tudo vale a pena quando ela [a música] está pronta, quando ela é apresentada, quando você está no palco.” (S7-E1, 27/09/2016).

Os outros tipos de valores também surgiram, mas com menor frequência, como os valores atitudinais, que se referem à capacidade de transformar uma dificuldade em uma realização. Críticas, conflitos familiares e dificuldades financeiras foram algumas adversidades enfrentadas pelos entrevistados:

Já sofri muito por causa disso, muito mesmo, mas também posso dizer que é uma das coisas que, se [a música] não for a coisa que me faz mais feliz, também é a coisa que está bem mais perto de me fazer feliz. Eu tive de sentimentos... ruins... não que a música tenha provocado, mas algumas pessoas provocaram através dela [...] [alguém] dizer tipo: “você não nasceu para isso. Você é desafinado. Você não dá para cantar música popular. Sua voz é muito erudita ou então não dá para você entrar no mundo erudito”. (S7-E1, 27/09/2016)

Às vezes, eu não tinha estrutura emocional para aguentar certas coisas e minha família cobrava muito, era bem chato. Era uma preocupação diária: “você tem que deixar essa vida”, e eu não queria e ficava aquela briga constante. E chegou ao ponto e teve um tempo que eu desisti, fui estudar outra coisa. Depois de um ano, eu voltei e continuei com o clarinete. (S8-E1, 30/09/2016)

Entretanto, ao tratarem dos obstáculos e como se sentiam em relação às conquistas que conseguiram a partir da música, os sujeitos 7 e 8 revelaram ter nela um sentido de vida: cada um desses momentos serviu para alcançar a música como um objetivo maior. Como indica

Damásio (2010, p. 45), “o ser humano tem de ter uma meta em direção a um fim e um propósito refletido no porvir, para, então, não desistir da vida”. Assim, para o sujeito 7, a dificuldade “foi só um passo, sabe? Tipo, cada coisa que você faz até chegar em um determinado ponto é só um passo, é só sempre mais um passo” (S7-E2, 04/11/2016). Já o sujeito 8 relata: “Quando eu cheguei [a ter] a minha casa é uma conquista, quando comprei um computador é uma conquista, tudo, todas essas dificuldades [...] porque eu acho que a vida é uma construção” (S8-E2, 04/11/2016).

Um importante aspecto do sentido de vida é a descoberta do sentido. Damásio (2010, p. 47-48) aponta que “o ser humano é um ente responsável e consciente e precisa realizar o sentido potencial de sua vida”, sentido este que “deve ser descoberto no mundo, nas relações”. Esse sentido é dinâmico, muda de acordo com o momento, pois não é fixo.

Acerca dessa afirmação, concluímos que tanto o sujeito 9 quanto o sujeito 5 também encontraram um sentido de vida relacionado à música, quando nos contam como se sentem em relação à decisão de estudar e trabalhar na área musical:

Eu tomei a decisão certa, porque eu terminei o curso de publicidade, eu já trabalhava com publicidade, mas não era algo que me realizava, sabe? [...] porque eu decidi ir por esse caminho [da música] e estão surgindo coisas que eu não conhecia e que se eu não tivesse vindo por esse caminho, eu não ia descobrir. E são coisas que estão me fascinando, sabe? (S9-E2, 16/11/2016).

[...] piano me deixava essa dúvida no meio, harpa não! Quando eu toquei harpa, quando eu vi a harpa, eu falei: “Bom, é isso que eu quero fazer!”. Estou feliz, estou legal, fiquei sem dúvidas. Com piano não, eu poderia fazer tanto piano quanto engenharia, por exemplo. Não necessariamente eu tivesse que ser um profissional, um pianista, mas com harpa não, eu já me imaginava tocando e etc. (S5-E2, 19/05/2017)

Podemos ainda observar a questão da autotranscendência, na perspectiva de Frankl, que significa “a capacidade do homem de sair de si mesmo e voltar-se para algo ou alguém que está além de si próprio” (DAMÁSIO, 2010, p. 34). Todos os entrevistados revelaram um desejo de, através da música, ajudar ao próximo.

Como eu já sou professor [...] então eu penso no cargo de gerir, de administração. De conseguir, cada dia mais de resgatar, proporcionar a esses jovens algo melhor. Essa é a minha única outra paixão, que eu descobri o lado social que eu tenho vontade de trabalhar. (S2-E2, 07/11/2016)

Eu quero fazer musicoterapia [...] Essa questão de pegar a música, o elemento música e trabalhar pessoas especiais, com necessidades especiais [...] Não só fazer música, compor e tocar na noite como o elemento entretenimento, mas como algo de ajuda, de contribuição social. (S9-E1, 26/10/2016)

Buscar um sentido de vida pressupõe, segundo Frankl, elaborar um projeto de vida que viabilize realizar aquilo que antecipadamente vislumbramos: “Elaborar um projeto é, por antecipação, fotografar determinadas atividades que serão realizadas no futuro, a posteriore” (DAMÁSIO, 2010, p. 49). A fala dos entrevistados diz muito das relações entre sentido e projetos de vida:

Eu pretendo ser professor na universidade, é uma meta minha a longo prazo [...] É um dos segmentos que pretendo seguir, essa parte da musicoterapia e da musicalização [...] Mas algo que eu nunca vou deixar, nunca vou me desligar, é essa questão de banda, de grupo que eu gosto bastante, tocar, me apresentar. (S9-E2, 16/11/2016)

Considerações finais

Ao longo de nossa análise, além das relações pessoais e subjetivas com a música, outras questões surgiram, como as vivências, os diferentes modos e ambientes socioculturais em que ocorreram práticas educativas, escolares ou não. Desta forma, buscamos interligar a dimensão subjetiva e os fatores sociais e culturais. Assim, acreditamos que esta pesquisa, ainda em andamento, poderá trazer contribuições para a área de educação musical, discutindo como diferentes contextos e formas de ensinar/aprender influem nas relações pessoais e subjetivas com a música. A partir daí, então, é possível questionar como as práticas de educação musical podem lidar com essas diferentes significações que os alunos estabelecem com a música, inclusive ajudando a repensar modelos de ensino ainda vigentes.

As narrativas de diferentes histórias de vida musical nos levaram a algumas reflexões em relação à formação inicial dos sujeitos, aos ambientes de iniciação musical, às experiências de vida anteriores ao ambiente acadêmico e às próprias experiências na universidade. Pudemos perceber que cada sujeito mantém uma relação única e pessoal com a música, o que dá a ela diferentes significações, por se tratar de questões subjetivas. Isto implica dizer que nem todos

os indivíduos podem encontrar nela um sentido de vida, pois para alguns pode ter uma função “utilitária” – a música como ganha-pão ou um meio de projeção social.

Entretanto, a maioria dos sujeitos entrevistados vêm realizando sentidos e propósitos através de suas atividades musicais. Cada um, a seu modo, está realizando a difícil tarefa de escrever a sua própria história, que tem na música um papel central. Como vários sujeitos dizem, a música é a sua vida ou sua religião.

Referências

CORRÊA, Marcos. *Violão sem professor: um estudo sobre processos de auto-aprendizagem com adolescentes*. 2000. 191 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

DAMÁSIO, Bruno F.; SILVA, Joilson P. da; AQUINO, Thiago A. Avellar de (Orgs.). *Logoterapia e educação*. São Paulo: Paulus, 2010.

DOURADO et. al. Fundamentos antropológicos da logoterapia e análise existencial. In: DAMÁSIO, Bruno F.; SILVA, Joilson P. da; AQUINO, Thiago A. Avellar de (Orgs.). *Logoterapia e educação*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 13-52.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
FRANKL, Viktor E. *O que não está escrito nos meus livros: memórias*. São Paulo: É realizações, 2010.

FRANKL, Viktor E. *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOMES, Celson. Educação musical na família: as lógicas do invisível. *Revista da Abem*, Londrina, v. 19, n.25, p. 30-40, jan-jun 2011.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. 2. ed. rev. ampl. 3. reimpr. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RECK, André Muller. Práticas musicais gospel no cotidiano e educação musical. *Revista da Abem*, Londrina, v. 20, n. 29, p.158-170, jul.-dez. 2012.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. À procura do trabalho intermitente no campo da música. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 16, n. 30, p. 177-196, 2011.

TRAVASSOS, Elizabeth. Redesenhando as fronteiras do gosto: estudantes de música e diversidade musical. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 5, n. 11, p. 119-144, out. 1999.

VIEIRA, Lia Braga. A escolarização do ensino de música. *Pro-posições*, Campinas, v. 15, n. 2 (44), p. 141-150, maio/ago. 2004.